

O SABER ABSOLUTO NA FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO

THE ABSOLUTE KNOWLEDGE IN THE PHENOMENOLOGY OF SPIRIT

Guilherme Alexandre Martins Amaral²⁶

RESUMO

Este artigo tem como objetivo compreender e analisar as características do conceito de saber absoluto (*absolute Wissen*) e sua superação frente à alienação (*Entfremdung*), problema central de nossa investigação, que consiste no estranhamento insuperável de alguns fenômenos da realidade. O estranhamento da realidade, ou a impossibilidade de alcançar um conhecimento pleno, verdadeiro, universal e necessário dela, consiste na incapacidade de unificar racionalmente subjetividade e objetividade, sujeito e objeto, ser e pensar. O saber absoluto, momento em que a consciência se sabe enquanto parte do espírito absoluto e conceito dele mesmo, somente pode ser descrito adequadamente como resultado de um longo processo de suprassunção das diversas figuras da *Fenomenologia do Espírito*.

Palavras-Chave: Hegel. Saber absoluto. Fenomenologia do Espírito. Idealismo Alemão.

ABSTRACT

This article has as objective to understand and to analyse the characteristics of the concept of absolute knowledge (*absolute Wissen*) and its overcoming in front of the alienation (*Entfremdung*), the central problem of our investigation, which consists of the insuperable strangeness of some phenomena of reality. The strangeness of reality, or the impossibility to attain a full, true, universal, and necessary knowledge of it, consists of the inability of rationally to unify subjectivity and objectivity, subject and object, being and thinking. The absolute knowledge, moment in which the consciousness knows itself as part of the absolute spirit and its own concept, only can be properly described as result of a long process of sublation of the various figures of *Phenomenology of Spirit*.

Keywords: Hegel. Absolute Knowledge. Phenomenology of Spirit. German idealism.

O PROBLEMA DA ALIENAÇÃO/ESTRANHAMENTO (*ENTFREMDUNG*)

²⁶ Graduando em Filosofia pela UNESP/FFC. Bolsista PIBIC/CNPq/REITORIA. e-mail: guilherme.alexandre@unesp.br

Nosso ponto de partida consiste no conceito de *Entfremdung*²⁷. A *Entfremdung* consiste na fragmentação da totalidade e no subsequente estranhamento entre suas partes. A alienação é o fragmentar-se excludente da realidade, de tal sorte que a realidade se torne pulverizada e estranhada entre suas partes, perdendo, dessa maneira, sua totalidade ou unidade racional. A alienação consiste em uma separação, ou delimitação racional, do conhecível em partes desvinculadas e irreconciliáveis, estranhadas entre si, destituídas de unidade objetiva e subjetiva. Esses momentos, cada qual enclausurado em sua unilateralidade, são postos de maneira que a veracidade de um não possa ser nem demonstrada nem sustentada pela veracidade de outro, ou seja, as diversas formas de conhecimento: a ciência, a filosofia, a religião, a arte etc., nada podem fazer para comprovar e demonstrar umas às outras. Trata-se, com efeito, de uma compreensão unilateralizada e excludente dos momentos constitutivos do desenvolvimento *lógico-real*. A alienação ocorre quando o ser humano, separado do objeto, percebe-o como exterior ao pensamento, como estranho a si mesmo. Por ser exterior à subjetividade humana, o objeto estranhado sempre conduz o pensamento à contradições insuperáveis, a conhecimentos vacilantes e equivocados.

O pensamento dialético, por sua vez, ao se deparar com as contradições, suprassume-as. A suprassunção (*Aufhebung*) é o processo triplo de suprimir, assumir e suprassumir, ou seja, de elevar o conhecimento para uma forma superior, que aniquila o anômalo e o inexplicável, tornando-os objetos da razão teórica e prática. A suprassunção consiste, portanto, em transformar uma contradição, ou anomalia, em uma nova determinação que compõe um lado de uma nova oposição. Assim, no processo de desenvolvimento de diversos fenômenos da realidade: na arte, na ciência empírica, na história, na filosofia, na religião, etc.; a dialética é imanente, possuindo uma realidade objetiva.

²⁷ O conceito de alienação (*Entfremdung*) possui dois sentidos, são eles: alienação e estranhamento. A alienação, portanto, estranhamento, consiste em um processo de separar-se da unidade orgânica que caracteriza o todo, dividindo-o em partes estranhadas, irreconciliáveis, de tal forma que partes entre si percam sua conectividade silogística, sua constituição racional. O sujeito se defronta com uma realidade estranhada e exterior a ele, um limite intransponível para o conhecimento e para a ação. “*Entfremdung* vem de *FREMD* (alheio); traz a idéia de alienar, ou de alienar-se, tornar-se estranho a si mesmo. Conota uma perda, um “desessenciamento” [...]”. (MENESES, P., 2000, p. 308).

O problema da alienação/estranhamento da consciência em relação à realidade, isto é, o problema da desidentificação ou desvinculação entre ser e pensar, somente é resolvido com o saber absoluto (*absolute Wissen*). O problema das antinomias da razão pura, que foram legadas pela filosofia kantiana, consiste na incognoscibilidade das ideias da razão²⁸, ou seja, por um lado, somente é passível de conhecimento aquilo que é dado na sensibilidade, porque são objetos das intuições – *espaço e tempo* –, por outro lado, aquilo que ultrapassa o domínio experimental ou sensível, por ser passível de demonstração tanto de suas teses quanto de suas respectivas antíteses, somente pode ser pensado, mas não conhecido. Desta maneira, as ideias da razão, enquanto númenos, porque não podem ser empiricamente verificadas, não podem ser conhecidas, mas apenas pensadas. Segundo Kant, essas ideias, no sentido técnico, possuem apenas um caráter *regulativo* – como princípios heurísticos –, diferentemente das categorias do entendimento, que possuem um caráter *constitutivo* e, portanto, *constituem* novos conhecimentos, sejam assertóricos, sejam apodícticos, sintetizando os dados da experiência com as formas da intuição e as categorias do entendimento.

Segundo Hegel, para alcançar um conhecimento absoluto, universal e necessário, sobre os fenômenos da realidade, seria preciso conhecer igualmente as ideias da razão. Assim, Hegel defende que o método verdadeiro de conhecimento, o método dialético, consiste na necessidade e universalidade do discurso silogístico, a lógica dialética, que deve expressar necessariamente a realidade através de conceitos científicos. A lógica, segundo Hegel, é o fundamento espiritual da realidade. A lógica hegeliana, diferentemente de algumas lógicas que se consideram somente subjetivas, possui um caráter objetivo, imanente à realidade e

28 As três classes de ideias transcendentais são: a alma, enquanto “[...] *unidade* absoluta (incondicionada) do *sujeito pensante* [...]” (KANT, I., 2001, B391); o mundo, enquanto “[...] *unidade* absoluta da *série das condições do fenômeno* [...]” *ibid.*; Deus, enquanto “*unidade* absoluta da *condição de todos os objetos do pensamento* em geral.” *ibid.* Desta maneira, conclui Kant: “O sujeito pensante é objeto da *psicologia*; o conjunto de todos os fenômenos (o mundo) é objeto da *cosmologia*, e a coisa que contém a condição suprema da possibilidade de tudo o que pode ser pensado (o ente de todos os entes) é objeto da *teologia*. Assim, pois, a razão pura fornece a idéia para uma doutrina transcendental da alma (*psychologia rationalis*), para uma ciência I transcendental do mundo (*cosmologia rationalis*) e, por fim, para um conhecimento I transcendental de Deus (*theologia transcendentalis*).” (KANT, I., 2001, B391-392).

independente da subjetividade humana. Apreender a realidade, portanto, é compreender a estrutura lógica universal e necessária subjacente aos fenômenos da realidade.

Entretanto, a alienação se prostra como um obstáculo para tal exercício, porque gera concepções irreconciliáveis e irracionalizantes entre os diversos planos da realidade, impedindo uma apreensão racional e omnilateral das determinações lógicas fundamentais da realidade. Fenômenos como: natureza, história, saber, ética, religião etc.; são manifestações do espírito absoluto, que somente podem ser adequadamente compreendidos mediante o conhecimento efetivo, que conceitua sistemática, necessária e universalmente seus elementos naturais, históricos, epistemológicos, éticos, religiosos etc. De acordo com Hegel, conhecer o absoluto, ou Deus, exige alcançar uma compreensão holística e dialética, uma filosofia necessariamente sistemática e dinâmica:

[...] o puro pensamento chegou à oposição do subjetivo e do objetivo: a verdadeira conciliação da oposição consiste em entender como esta oposição, levada ao ponto extremo, se resolve, de sorte que os opostos, como diz Schelling, sejam em si idênticos. Mas não basta afirmar isto, se não se acrescenta que a vida eterna é propriamente este produzir eternamente a oposição e eternamente conciliá-la. Possuir o oposto na unidade e a unidade na oposição, eis o saber absoluto; e a ciência consiste precisamente em conhecer esta unidade, no seu pleno desenvolvimento, através dele mesmo. (HEGEL, G. W. F., 1980, p. 392).

A obtenção do absoluto somente pode ocorrer efetivamente mediante o conhecimento da *Ciência da lógica*, porém, esta é antecedida pelo saber absoluto (*absolute Wissen*). Segundo o autor alemão, o saber absoluto é o momento em que a consciência concebe-se como parte do espírito absoluto e, portanto, compreende a si mesma como espírito e conceito, de tal maneira que a realidade, portanto, manifesta-se racionalmente em três grandes silogismos: a ideia, a natureza e o espírito. A filosofia hegeliana assevera que a racionalidade é uma propriedade imanente à realidade, à natureza criadora (*natura naturans*) e à criada (*natura naturata*).

A *Fenomenologia do Espírito*, portanto, é uma propedêutica à *Ciência da lógica*, porquanto, superado a cisão entre subjetividade e objetividade, entre pensar e ser, entre sujeito e objeto, é possível alcançar uma compreensão unificada e racional da realidade, suprassumindo, assim, os inúmeros fenômenos inexplicáveis, atingindo um saber verdadeiro ou efetivo. O pensamento dialético, por sua vez, ao deparar-se com as contradições, suprassume-as. A suprassunção (*Aufhebung*) é o processo triplo de suprimir, assumir e suprassumir, ou seja, de elevar o conhecimento para uma forma superior, que exaure o anômalo e inexplicável, tornando-o objeto da razão teórica e prática. A suprassunção consiste, com efeito, em transformar uma contradição em uma nova determinação que compõe um lado de uma nova oposição. Assim, em diversos fenômenos da realidade: na arte, na ciência empírica, na história, na filosofia, na religião, etc.; a dialética está imanente no processo de desenvolvimento deles.

Hegel concebia a realidade como uma totalidade, ou unidade, de partes organicamente articuladas, mediante uma racionalidade imanente e universal. A concepção fragmentária e estática se manifesta, principalmente, na forma de dualismos irreconciliáveis, como oposições cujos lados fossem incomunicáveis, enclausurados em si mesmos em suas respectivas unilateralidades, como: fé e razão, ser e pensar, ser humano e natureza, teoria e prática etc. A fragmentação e a imobilidade sempre foram incômodas para Hegel, porque elas delimitam necessariamente os aspectos cognoscíveis da realidade. Assim como um dos grandes lemas de Hölderlin, que provém da cultura grega e expressa a unidade da natureza – “um e tudo” (“*ἐν καί πᾶν*” ou “*Eins und Alles*”) –, a totalidade, para Hegel, somente pode ser atingida mediante o conceito de espírito (*Geist*), pois, como argumenta Hartmann: “[...] o ser espiritual é interioridade, plenitude, amplitude.” (HARTMANN, N., 1960, p. 293).

A FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO E O SABER ABSOLUTO

Na *Fenomenologia do Espírito*, Hegel argumenta: “Segundo minha concepção – que só deve ser justificada pela apresentação do próprio sistema –, tudo decorre de entender e exprimir o verdadeiro não como *substância*, mas também, precisamente, como *sujeito*.”

(HEGEL, G. W. F., 2007, p. 34, §17). Ou seja, a realidade não pode ser plenamente compreendida somente como extensão, objeto, matéria inerte ou predicado, ela deve ser conceituada também como espírito (*voŭç*) – sujeito. Mas o que significa ‘*exprimir o verdadeiro [...] precisamente como sujeito?*’. As expressões espírito do povo (*Volksgeist*), espírito do tempo (*Zeitgeist*), espírito do mundo (*Weltgeist*); designam o conjunto das instituições, dos costumes e das culturas, de épocas e de povos, ou seja, indicam a totalidade de uma sociedade. Cada expressão designa uma forma determinada de deus, enquanto espírito produtor e mantenedor da realidade.

Em certa medida, a *Fenomenologia do Espírito* é um grande argumento de como o ‘*eu*’ empírico se torna um ‘*Si*’ universal, isto é, o processo negativo pelo qual a consciência, atravessando suas diferentes modalidades, torna-se espírito subjetivo, e este, subjetivando o mundo exterior à ele, torna-se espírito objetivo, o conjunto dos costumes, leis e instituições, e ambos, unificando-se reciprocamente, tornam-se espírito absoluto. Tal relação dialética, entre espírito subjetivo e objetivo, cria as condições necessárias para a objetivação da subjetividade e simultaneamente a subjetivação da objetividade, ou seja, o reconhecimento mútuo de que *toda* a realidade é *uma só* e a *mesma* manifestação. Assim, a *Fenomenologia do Espírito* também é uma resposta aos desafios legado pela filosofia crítica. Nela, Hegel procura desenvolver não somente as distintas constituições do objeto, mas do próprio sujeito, ou seja, de sua própria consciência. Unificando subjetividade e objetividade, pensamento e realidade, seria possível reconciliar a verdadeira constituição do objeto com o conhecimento verdadeiro dele. Na *introdução à história da filosofia*, Hegel argumenta:

[...] o puro pensamento chegou à *oposição do subjetivo e do objetivo*: a verdadeira conciliação da oposição consiste em entender como esta oposição, levada ao ponto extremo, se resolve, de sorte que os opostos, como diz Schelling, sejam em si idênticos. Mas não basta afirmar isto, se não se acrescenta que a vida eterna é propriamente este *produzir eternamente a oposição e eternamente conciliá-la*. Possuir o oposto na unidade e a unidade na oposição, eis o *saber absoluto*; e a ciência consiste precisamente em conhecer esta unidade, no seu pleno desenvolvimento, através dele mesmo. (HEGEL, G. W. F., 1980, p. 392).

A última figura do Espírito, que unifica e metamorfoseia a natureza figurativa das manifestações anteriores, expostas nos capítulos precedentes, transformando-as em conceitos, é o saber absoluto, em que todas as figuras, tornadas conceitos, se unificam sob a unidade subjetiva do espírito, isto é, o Espírito absoluto, não somente como substância – como *em-si* ou fundamento – mas também como sujeito. Ele se revela como responsável pela condução do processo de conhecimento da realidade, presente desde ‘*A certeza sensível*’, ainda que de maneira muito diferente do esperado, pois seu autorreconhecimento ainda não se realizou. O saber absoluto, portanto, é tanto a dissolução da oposição entre objetividade e subjetividade quanto uma propedêutica para a pura ciência, ou seja, a ciência do *lógos*, a ciência que pensa a realidade a partir de suas determinações universais e objetivas, referentes a cada esfera da realidade. Cito Hegel:

O conceito da ciência pura e a sua dedução são, então, pressupostos no presente tratado [*Ciência da lógica*], enquanto a *Fenomenologia do Espírito* nada mais é do que a dedução do mesmo. O saber absoluto é a verdade de todos os modos da consciência [...] apenas no saber absoluto a separação do *objeto* e da *certeza de si mesmo* se dissolveu perfeitamente e a verdade dessa certeza, bem como essa certeza da verdade, tornaram-se idênticas. (HEGEL, G. W. F., 2016, p. 52).

Suprassumida a figura da religião manifesta, cujo conteúdo essencial é o Absoluto como algo exterior à humanidade e ao mundo, a consciência não recai mais sobre um objeto exterior, um Deus transcendente. Ao contrário, concebendo-o não mais como um Outro, mas como um SI imanente, a consciência sobre o Absoluto, anteriormente como objeto exterior, estranhado, transforma-se em consciência-de-si do Si. Toda contingencialidade, singularidade e exterioridade são suprassumidas, gerando a autoconsciência da substância que, agora como sujeito efetivo, como exposto no §5 da *Fenomenologia do Espírito*, é necessário, universal e espiritualizado.

O saber absoluto, enquanto saber conceitual da consciência-de-si do espírito absoluto, é o seu reconhecimento autoconsciente. A fenomenologia, o processo em que a consciência trilhou cada figura sua, é igualmente a autoconscientização do Absoluto. Tal

processo, que tem seu início em uma consciência empírica, imediata e singularizada, desemboca na consciência universal, mediada e conceitual, que se reconhece na História, enquanto tempo, e na Natureza, enquanto espaço, como unidade racional conceitualizada.

Assim, a lógica e a ontologia de Hegel, que são expostas na *Ciência da lógica*, que é constituída pelo *método dialético*, que foi exposto pela primeira vez na *Fenomenologia do Espírito*, através do devir das modalidades da consciência, fazem parte do mesmo processo de exposição. O método dialético, como argumenta Hegel, no parágrafo 79 da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, sobre a divisão geral da lógica²⁹, que aparece sob a figura do lógico (*das Logische*), consiste em: “O lógico tem, quanto à forma, três lados: α) *o abstrato* ou *do entendimento*, β) *o dialético* ou *negativamente-racional*, γ) *o especulativo* ou *positivamente-racional*.”³⁰ (HEGEL, G. W. F., 1970, B8, p. 168, §79).

Assim, o lógico possui três momentos que o constitui como um todo: “Esses três lados não constituem três *partes* do Lógico, mas são *momentos* de *todo* [e qualquer] *lógico-real*, isto é, de todo conceito ou de todo verdadeiro em geral.” (HEGEL, G. W. F., 2012, p. 159). O lógico constitui um dos três grandes momentos da filosofia hegeliana. Ela é dividida em ideia, natureza e espírito. O lógico pode ser compreendido de duas maneiras: 1. Enquanto ideia em si mesma, responsável pela estrutura formal subjacente às leis da natureza e à essência das coisas, sendo, portanto, o fundamento primeiro da realidade; 2. Enquanto método gnosiológico do pensamento humano em geral, isto é, enquanto o conjunto das determinações-de-pensamento (*Denkbestimmungen*) que possibilitam o conhecimento da realidade.

29 A lógica hegeliana deve ser compreendida de maneira distinta das lógicas contemporâneas. Para a contemporaneidade, a lógica se restringe à análise das formas de inferência de um dado sistema lógico. De acordo com Mortari: “LÓGICA é a ciência que estuda princípios de inferência, tendo o objetivo principal de determinar em que condições certas coisas se seguem (são consequência), ou não, de outras.” (MORTARI, C., 2001, p. 2).

30 “Das *Logische* hat der Form nach drei Seiten: α) *die abstrakte* oder *verständige*, β) *die dialektische* oder *negativ-vernünftige*, γ) *die spekulative* oder *positiv-vernünftige*.” (HEGEL, G. W. F., 1970, B8, p. 168, tradução nossa).

O processo de conhecimento que a humanidade tem com o mundo é a rememoração (*Er-innerung*), essa conscientização do absoluto sobre a natureza – exterioridade (*Äusserlichkeit*) –, que ocorre mediante a apreensão do absoluto na história – interioridade (*Innerlichkeit*) –, o reino, por excelência, dos espíritos. O adentrar-se em si mesmo do Espírito absoluto é sua realização, enquanto história, no tempo, ao passo que o exteriorizar-se de si mesmo é sua realização, enquanto natureza, no espaço. O duplo movimento, de interiorização e de exteriorização, é a reconciliação entre espírito e natureza – pensamento e extensão. Mediante o método dialético, é possível transportar o movimento da exterioridade ao âmbito conceitual da subjetividade, compreendendo-o racionalmente.

A compreensão de que a totalidade, enquanto Espírito absoluto, é racionalmente apreensível caracteriza o grande triunfo do saber absoluto. Transformando todas as figuras do percurso fenomenológico, que a consciência assumiu no processo de conhecimento de seus respectivos objetos, em conceitos, a consciência pôde produzir um conhecimento muito específico, um saber apriorístico, universal e necessário, porque conceitual, ou seja, uma ciência do *lóγος* – *Wissenschaft der Logik*. Na introdução à *Ciência da lógica*, Hegel argumenta: “A pura ciência pressupõe, com isso, a libertação da oposição da consciência. Ela contém o pensamento, na medida em que ele é igualmente a Coisa em si mesma, ou seja, a Coisa em si mesma, na medida em que ela é igualmente o pensamento puro”. (HEGEL, G. W. F., 2016, p. 52). Desta maneira, a equalização entre o conhecimento do objeto e o objeto é o que ocorre na *Fenomenologia do Espírito*, que se configura como uma propedêutica para a ciência filosófica, porque é capaz de mostrar a unidade imanente e necessária entre ser e pensar, entre ontologia e lógica.

O saber absoluto pode ser caracterizado de duas formas: uma comportamental e outra temática. Enquanto comportamento, a consciência, que atingiu o saber absoluto, possui a certeza e a verdade de ser toda a realidade enquanto espírito ou, de outra maneira, têm a confiança e a convicção de que todo efetivo é racional e todo racional é efetivo, porquanto a totalidade é unidade subjetiva (sujeito) e objetiva (substância). Assim, a consciência, no saber

absoluto, suprassumiu a contingencialidade da singularidade material, alçando vôo para a necessidade da universalidade conceitual.

A imediação do saber, oriunda do aqui e agora empíricos, é suplantada pela mediação silogística conceitual, proveniente da razão. Se na *'certeza sensível'* todo conhecimento, sobre quaisquer objetos, eram pura e simplesmente imediatos, sensação translúcida intuída pelos sentidos, então na *'percepção'* toda imediatez dissolvia-se na mediação representativa da sensação: a cor, a textura, o odor, o som, o sabor etc. Uma multiplicidade de determinações sintetizadas em um único objeto, cujas propriedades transitórias e permanentes contradiziam a perceptividade da consciência. A dissolução das representações empíricas em conceitos puros é a suprasunção ocorrida na *'percepção'*, cujo resultado é a *'força e entendimento'*. As forças invisíveis da natureza, que unificam os predicados, ou propriedades, em objetos materiais e os fazem se mover, são vislumbradas conceitualmente. Imperceptíveis aos sentidos, mas conceitualmente descritíveis, as forças da natureza pareciam exaurir todo tipo de fenômeno, porém, a consciência, que não é extensão, mas pura e simples interioridade, não poderia ser explicada e compreendida como um processo de transferência de energia.

Assim, a consciência, porque não se satisfaz com a objetividade da exterioridade, recorre à subjetividade da interioridade, isto é, retorna a si mesma, dessa vez, não somente como sujeito investigativo, mas como objeto de investigação. Autoconscientizando-se, a consciência torna-se, desta forma, consciência-de-si, cujo objeto é a si própria. Seu campo de atuação não consiste mais em objetos e características da coisidade, mas sim da subjetividade e da intersubjetividade nas figuras da consciência-de-si.

A consciência-de-si, individualizada e em oposição à natureza e às outras consciências-de-si, deve estabelecer sua atividade contra elas. A consciência-de-si deve estabelecer seu domínio perante a natureza – seu corpo e desejos oriundos deste – e sobre as outras individualidades, garantindo sua vida. O desejo, oriundo necessidade material de perpetuar a vida, é o primeiro desafio que a autoconsciência deve enfrentar, pois é mediante

este que sua independência em relação à natureza é contestada. A consciência-de-si, percebendo-se insuficiente, ou seja, dependente da natureza, deve lutar contra ela, buscando sua independência ou, ainda, sua autossuficiência e, portanto, sua sobrevivência e liberdade.

A consciência-de-si compreende, então, que sua existência está necessariamente condicionada e unificada pela e com a efetividade (*Wirklichkeit*). Sua subjetividade, empírica e enclausurada em sua individualidade, carece da satisfação material de seu corpo, portanto, a consciência-de-si trava uma luta contra outra consciência-de-si, pela subjugação e realização da transformação da natureza – trabalho (*Arbeit*) – em valores-de-uso, coisas que permitam a reprodução material e ideal da consciência-de-si do senhor. Surge, assim, a relação de dominação e servidão (*Herrschaft und Knechtschaft*), cuja materialização se manifesta na história da Grécia Antiga e de Roma. Tal relação não consiste no consenso entre as distintas vontades, mas sim na subjugação de uma em detrimento da outra. Se, por um lado, a consciência-de-si do senhor se livrou da necessidade do trabalho, que a natureza implacavelmente impõe a todo organismo, aumentando sua própria liberdade, por outro lado, a consciência-de-si do senhor gerou uma nova forma de servidão e cerceamento da sua própria liberdade, pois sua formação (*Bildung*), que só poderia ser construída mediante a realização do trabalho, esvaiu-se com o labor do escravo. Porque o escravo não era livre, nem a liberdade dele nem a do senhor não eram plenas, mas parciais. Pois a tensão constante, proveniente da luta e do processo de dominação e cerceamento da liberdade e do livre-arbítrio, impedia a efetivação mútua da liberdade real.

Neste ínterim, ambas as consciências-de-si, conquanto cada uma seja a si própria mediante a existência da outra, são suprassumidas. Suas respectivas unilateralidades, enclausuradas em si mesmas, são suprassumidas, gerando as figuras do ‘*estoicismo, ceticismo e consciência infeliz*’. A figura do senhor encontra sua correspondência no estoicismo, enquanto a figura do escravo no ceticismo. O senhor, alienado da coisidade, porque esta é mediada, ou trabalhada, pelo escravo, encontra-se na pura idealidade abstrata do Eu. A liberdade abstrata, que é pura idealidade, é a liberdade do estoicismo. Neste, a consciência-

de-si abandona a efetividade – a natureza – e baseia o *bem* e a *verdade* na racionalidade pura do pensamento, destituída de qualquer materialidade. A liberdade do estoicismo é exclusivamente abstrata e, por isso, não prática. Assim, a consciência-de-si estóica não age na natureza, ela se unilateraliza e se enclausura na pura idealidade do pensamento. Por outro lado, a consciência-de-si cética, resguardando sua veracidade na objetividade da exterioridade, não alcança verdade alguma, pois toda proposição, devido a contingencialidade e singularidade da matéria, mostra-se falsa. O ceticismo consegue afirmar simultaneamente e na mesma relação algo como verdadeiro e falso. Devido à inconsistência que o ceticismo possui, conduzindo ora ou outra à contradições e, portanto, à suspensão dos juízos, essa figura é novamente supressumida na figura da ‘*consciência infeliz*’.

Cada momento da fenomenologia – consciência, consciência-de-si, razão, espírito, religião e saber absoluto – constitui uma etapa no processo de desvelamento da realidade. A subjetividade se reconcilia com a objetividade, a substância se torna sujeito, ser e pensar se unificam e fenômeno e essência se conectam sob o julgo da ciência. Cada figura da consciência, enquanto tal, possui um conjunto específico de determinações que são supressumidas na medida em que seus respectivos objetos também os são, transitando para novas figuras.

Na etapa da consciência, a objetividade e a independência do mundo exterior, estranhado por estar apartado da constituição conceitual do sujeito, são dissolvidas nas leis da natureza – padrões de comportamento dos fenômenos naturais. Na etapa da consciência-de-si, a singularidade e a independência, da consciência-de-si em relação às outras autoconsciências, são diluídas na intersubjetividade e na materialidade do corpo. Na etapa da razão, toda a realidade exterior ao sujeito é subsumida ao pensamento racional, ou seja, é o momento em que a consciência percebe que todo ser-outro, que não a própria consciência, é um outro ser em relação à ela, portanto, um ser para outro, e, simultaneamente, sendo um ser para outro, a consciência se percebe como um ser para si. Surge, desta maneira: “[...] a certeza da consciência de ser toda a realidade: assim enuncia o idealismo o conceito da razão”

(HEGEL, G. W. F., 2007, p. 173, §233). Na etapa do espírito, a razão, que suprassumiu as modalidades anteriores da consciência, alcança a certeza e a verdade de ser toda a realidade, ou seja, ela unifica o ser com o pensar, a ontologia com a lógica: “A razão é espírito quando a certeza de ser toda a realidade se eleva à verdade, e [quando] é consciente de si mesma como de seu mundo e do mundo como de si mesma.” (HEGEL, G. W. F., 2007, p. 304, § 438). Na etapa da religião, a realidade é percebida como um objeto criado por algo, um ser anterior e criador em relação à natureza. Trata-se, com efeito, da diferença entre natureza criadora – *natura naturans* – e natureza criada – *natura naturata*. Ou seja, o conceito de um ser primordial, criador de tudo e eterno, manifesta-se prematuramente. Deus, na religião, é somente intuído na forma da representação, como um ser exterior, estranhado, alienado da imanência da realidade, isto é, Deus não é conceitualmente compreendido, mas representacionalmente:

[...] embora o espírito certamente alcance na religião revelada sua *figura* verdadeira, justamente sua *figura* mesma e a *representação* ainda são o lado não-superado, do qual o espírito deve passar ao *conceito*, para nele dissolver totalmente a forma da objetividade [...] É então que o espírito abarcou o conceito de si mesmo, como nós somente o tínhamos inicialmente captado; e sua *figura* – ou o elemento de seu ser-aí – enquanto é o conceito, é o espírito mesmo. (HEGEL, G. W. F., 2007, p. 465, §683).

Na etapa do saber absoluto, Deus não é mais intuído como uma representação exterior ao mundo, mas conceituado segundo suas determinações subjetivas, que são suas figuras históricas da consciência, como autocompreendendo-se, mediante a subjetividade humana e sua história, que também é sua subjetividade:

Esse último vir-a-ser do espírito, a *natureza*, é seu vivo e imediato vir-a-ser. Ora, a natureza – o espírito extrusado – em seu ser-aí não é senão essa eterna extrusão de sua *subsistência*, e o movimento que estabelece o *sujeito*. [...] Mas o outro lado de seu vir-a-ser, a *história*, é o vir-a-ser *que-sabe* e que se *mediatiza* – é o espírito extrusado no tempo. (HEGEL, G. W. F., 2007, p. 544, §§807-808).

O movimento lógico, que Hegel se utiliza para desenvolver cada figura, consiste na exposição da relação entre saber e objeto, e sua ulterior relação desenvolvida. O saber é transcrição subjetiva do objeto à consciência, a qual, reunindo a plenitude de determinações

do objeto e da consciência, em comunhão com o devir de cada lado da contradição, expressa o movimento dialético que constantemente transforma ambos. De acordo com Hegel:

O objeto é assim, de uma parte, *ser imediato*, ou uma coisa em geral, o que corresponde à consciência imediata. De outra parte é um *tornar-se outro* de si, sua relação ou *ser para outro* e *ser-para-si*: a determinidade – o que corresponde à *percepção*. [E ainda] por outra parte, é essência ou é como universal, o que corresponde ao entendimento. Enquanto todo, o objeto é silogismo ou movimento do universal, através da determinação, para a singularidade – como é também o movimento inverso da singularidade, através da singularidade como suprassumida, ou da determinação, para o universal (HEGEL, G. W. F., 2007, p. 531, §789).

Assim, o objeto, enquanto categoria genérica, é um silogismo que possui, enquanto termo maior, a universalidade do conceito, enquanto termo médio, o conjunto de determinações transitórias e permanentes – a particularidade –, e, enquanto termo menor, a singularidade do objeto. Tal silogismo constitui uma dedução, que parte do universal rumo ao singular. Porém, o inverso, que constitui uma indução, partindo do singular rumo ao universal, também é convalidado pela forma lógica silogística. Segundo Hegel, o silogismo (*συλλογισμός*), ou raciocínio dedutivo, é a estrutura lógica fundamental da realidade. No terceiro volume da *Enciclopédia das Ciências Filosóficas*, Hegel argumenta:

É esse aparecer que funda, antes de tudo, o desenvolvimento ulterior. A primeira aparição é constituída pelo *silogismo* que tem o *lógico* como fundamento, enquanto ponto de partida, e a *natureza* como meio-termo que conclui o *espírito* com o mesmo. Torna-se o lógico, a natureza e a natureza, espírito. A natureza, que se situa entre o espírito e sua essência, não os separa, decerto, em extremos de abstração finita, nem se separa deles para [ser] algo autônomo, que como Outro só concluiria Outros; porque o silogismo é *na ideia*, e a natureza essencialmente é só determinada como ponto-de-passage e momento negativo: ela é, *em si*, a ideia. Mas a mediação do conceito tem a forma exterior do *passar*, e a ciência, a do curso da necessidade; de modo que somente em um extremo é posta a liberdade do conceito, enquanto seu concluir-se consigo mesmo (HEGEL, G. W. F., 2011, pp. 363-364, § 575).

O fundamento da realidade, a ideia em si mesma, passa para a efetividade se exteriorizando e se tornando natureza. A natureza, por sua vez, interioriza-se em atividade subjetiva, ou reflexiva, como espírito simples, desejante, empírico, sensível. A série de

organismos, cujo resultado conduz à humanidade, conclui-se na produção da consciência. Esta, perpassando as inúmeras figuras da consciência, tornando-se consciência-de-si, razão, espírito, religião até saber absoluto, alterando-se qualitativa e quantitativamente, regressa, progredindo na marcha da razão, à interioridade da ideia, cujo desvelamento somente pode ocorrer mediante a ciência da lógica, a série de categorias que constitui a interioridade da ideia em si mesma. A *Fenomenologia do Espírito*, portanto, caracteriza-se como uma preparação para esta ciência apriorística e imaterial, pois ela molda a consciência, fazendo com que esta supere as contradições emergentes do processo de conhecimento.

A alienação (*Entfremdung*), problema de nossa pesquisa, caracteriza-se não somente pela desvinculação, ou separação, entre ser e pensar, bem como pela inexorável irreconciliação entre verdade e certeza, ou a diferença entre a constituição verdadeira do objeto e o conhecimento verdadeiro dele. Como Hegel argumenta, a superação desse problema consiste na demonstração da identidade, ou unidade, entre pensamento e ser. Além disso, é preciso dissolver a contingencialidade da realidade, buscando seu fundamento racional, seus conceitos e relações, nos padrões da natureza. É nessa estrutura não fenomênica, plenamente espiritual, que é possível encontrar as estruturas universais e necessárias organizativas da realidade. O processo de obtenção dessa ciência é mediado pela série sucessiva de figuras subjetivas do pensamento humano.

Na '*força e entendimento*', os objetos materiais são dissolvidos em conjuntos de propriedades, que são determinadas por forças da natureza, como a gravidade, a eletricidade, o movimento etc. Tais conceitos, materializados na linguagem matemática, expressam a realidade das entidades físicas, suas composições, movimentos e relações. Esses conceitos são, de outra maneira, as determinações dos conceitos da natureza, como espaço, tempo, matéria, movimento, energia etc. Todo o aspecto empírico é reduzido a entidades geométricas e conceitos abstratos. Porém, é no reino dos espíritos que o Espírito se coloca como objeto de investigação, analisando suas características e configurações históricas. Justamente pela decomposição empírica da realidade, mediante o processo de suprassunção das contradições,

é que seu fundamento espiritual se manifesta. Assim, com o desvelamento do véu fenomênico dos sentidos, o fundamento conceitual torna-se constatável. O conhecimento é o processo de reconciliação entre a verdade do objeto e a certeza do conhecimento. A verdade do objeto se revela somente com o desenvolvimento pleno de suas determinações, assim como com processo de desenvolvimento das figuras da consciência:

É isso o movimento da consciência, e nesse movimento ela é a totalidade de seus momentos. A consciência deve igualmente relacionar-se com o objeto segundo a totalidade de suas determinações, e deve tê-lo apreendido conforme cada uma delas. Essa totalidade de suas determinações faz do objeto em si a essência espiritual; e isso ele se torna em verdade para a consciência, mediante o apreender de cada determinação sua singular como o Si, ou pelo relacionamento espiritual para com elas [...] (HEGEL, G. W. F., 2007, pp. 530-531, §788).

O SABER ABSOLUTO COMO RECONCILIAÇÃO COM A VERDADE

É na totalidade que a verdade se manifesta. Pois, com o desenvolvimento pleno das determinações da realidade, não há espaço à contingência, ao erro e ao acaso. Assim, a realidade se desvela na medida em que cada singularidade é assimilada à universalidade do conceito. Como defendeu Hegel no prefácio à *Fenomenologia do Espírito*, é a totalidade que confere unidade e verdade ao objeto:

O verdadeiro é o todo. Mas o todo é somente a essência que se implementa através de seu desenvolvimento. Sobre o absoluto, deve-se dizer que é essencialmente *resultado*; que só no *fim* é o que é na verdade. Sua natureza consiste justo nisso: em ser algo efetivo, em ser sujeito ou vir-a-ser-de-si-mesmo. (HEGEL, G. W. F., 2007, p. 36, §20).

O saber absoluto, portanto, é o momento em que a realidade se desvela como manifestação do espírito absoluto, cujo fundamento conceitual repousa na ideia. O espírito, se exteriorizando, torna-se natureza. Ao passo que, interiorizando-se, subjetivamente, torna-se história. É mediante a filosofia e, sobretudo, sua história que os conceitos mais fundamentais do absoluto -- as categorias da ciência da lógica -- revelam-se para a humanidade. Como argumenta Hegel, em sua *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*:

De acordo com isso, o nosso ponto de vista é o reconhecimento da ideia, do conhecimento da ideia como espírito, como espírito absoluto, que assim se opõe a um outro espírito, o finito; e o princípio deste espírito é o de reconhecer, de modo que o espírito absoluto é para ele. Tentei desenvolver esta procissão das figuras espirituais da filosofia em seu progresso, aludindo sua interdependência, para passar perante vossos pensamentos. Esta série é o verdadeiro reino espiritual, o único *reino espiritual* que existe – uma série que não é uma pluralidade, que nem mesmo permanece como sucessão, mas precisamente no autorreconhecimento do Si se transforma em momentos de *um* Espírito, do *único* e do mesmo Espírito presente. E esta longa procissão de espíritos são as pulsações singulares que Ele usa na sua vida; elas são o organismo da nossa substância.³¹ (HEGEL, G. W. F., 1970, B20, pp. 460-461).

Pois que, se a aparência coincidissem com a essência, não haveria necessidade alguma de ciência. Sobre essa noção, alicerça-se a filosofia hegeliana que, desvelando a essência espiritual da realidade – seu fundamento conceitual –, permite não somente entender a realidade como objeto de investigação, como substância, mas igualmente como sujeito investigativo, como espírito. A supressão das diferentes figuras da consciência, rumo ao fundamento conceitual-espiritual da realidade, é o grande objetivo da *Fenomenologia do Espírito*, que sobre a noção grega de ciência – *ἐπιστήμη* (enquanto conhecimento do universal e do necessário) –, estabelece, com a consecução do saber absoluto (*absolute Wissen*), as condições necessárias para estudar as categorias elementares da *Ideia* – *κατηγορούμενον* (enquanto predicados fundamentais do Espírito absoluto) – na *Ciência da Lógica* – *λόγος* (enquanto ordenação racional cósmica).

31 “Hiernach ist nun unser Standpunkt das Erkennen der Idee, das Wissen der Idee als Geist, als absoluter Geist, der sich so entgegensetzt einem anderen Geiste, dem endlichen; und das Prinzip dieses Geistes ist, zu erkennen, so dass für ihn ist der absolute Geist. Ich habe versucht, diesen Zug der geistigen Gestaltungen der Philosophie in ihrem Fortgehen mit Andeutung ihres Zusammenhangs zu entwickeln, vor Ihren Gedanken vorüberzuführen. Diese Reihe ist das wahrhafte Geisterreich, das einzige *Geisterreich*, das es gibt, - eine Reihe, die nicht eine Vielheit, noch auch eine Reihe bleibt als Aufeinanderfolge, sondern eben im Sichselbsterkennen sich zu Momenten des *einen* Geistes, zu dem *einen* und demselben gegenwärtigen Geiste macht. Und dieser lange Zug von Geistern sind die einzelnen Pulse, die er in seinem Leben verwendet; sie sind der Organismus unserer Substanz.” (HEGEL, G. W. F., 1970, B20, pp. 460-461, tradução nossa).

A alienação é o processo de estranhamento do sujeito em relação ao objeto, ou seja, é momento em que o conhecimento é falso, vacilante, errante em relação à verdade do objeto. No estranhamento, existe um insuperável hiato entre a verdade do objeto – seu *ser*, enquanto [ὄν τό] –, e a certeza da verdade – o pensar, enquanto *epistême* [ἐπιστήμη] ou pensar [νοήσις]. De outra forma, a subjetividade do pensamento, estranhada ou alienada, não pode ser reconciliada com a objetividade do mundo. O processo de superação desse estado estranhado da consciência consiste no constante processo dialético de suprassunção tanto da consciência, elevando à novas figuras cada vez mais complexas, portanto, universais e verdadeiras, quanto do objeto. No saber absoluto, a identidade entre ser e pensar (*Sein und Denken*) é finalmente alcançada, pois desveladas as figuras errantes, bem como suas características transitórias, é possível produzir conhecimentos objetivos – conceituais – sobre a realidade.

O saber absoluto é uma atividade exclusivamente espiritual que, sob a determinação de ser-para-si (*fürsichsein*) – dos espíritos finitos –, constitui o ponto de início do autorreconhecimento do Espírito absoluto (*absolute Geist*), enquanto substância e sujeito, que causará a autocompreensão de Dele mesmo mediante o conhecimento da humanidade sobre a realidade. Assim, na medida em que as formas de subjetividade e intersubjetividade se alteram, bem como os inúmeros produtos oriundos dessas relações (instituições, povos, culturas etc.), suprassumindo os conhecimentos imperfeitos, com anomalias e exceções, mediante o constante aperfeiçoamento dos diversos conhecimentos, o Espírito absoluto vai se autorrealizando gradualmente. Segundo Hegel, a humanidade não somente é o meio-termo que conecta a Ideia ao Espírito, enquanto momentos da filosofia hegeliana, mas é o próprio Espírito, em sua forma finita, apercebendo-se de sua infinitude.

Somente na totalidade, suprassumindo as contradições que se manifestam no processo de conhecimento, é possível alcançar um conhecimento pleno, coerente e verdadeiro, porquanto completo. Assim, cada conhecimento particular, sobre cada conjunto de objetos singulares, é subsumido em um conhecimento mais abrangente, cujo objeto final, que é resultado de um longo processo de conhecimento dos variados aspectos da realidade, é

o absoluto, porém, não mais representacionalmente, como fazia a religião, mas, agora, conceitualmente, como faz a filosofia. A morada da verdade consiste na ciência conceitual – universal e necessária –, cuja investigação estuda os aspectos mais fundamentais e abrangentes da realidade, que se manifestam na filosofia e na sua história.

REFERÊNCIAS

- DUDLEY, W. *Idealismo alemão*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.
- HARTMANN, N. *A filosofia do idealismo alemão*. 2 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1960.
- HEGEL, G. W. F. *Ciência da lógica: 1. A doutrina do Ser*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2016.
- HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio: Volume I. A ciência da lógica*. 3 ed. São Paulo: Editora Loyola, 2012.
- HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Compêndio: Volume III. A filosofia do Espírito*. 2 ed. São Paulo: Editora Loyola, 2011.
- HEGEL, G. W. F. *Enzyklopädie der philosophischen Wissenschaften im Grundrisse: Erster Teil. Die Wissenschaft der Logik*. Band 8. In: Werke in 20 Bänden; Suhrkamp Verlag, 1970.
- HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes e Editora Universitária São Francisco, 2007.
- HEGEL, G. W. F. *Introdução à história da filosofia*. Traduções: Henrique Cláudio de Lima Vaz, Orlando Vitorino, Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores)
- HEGEL, G. W. F. *Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie*. Band 20; In: Werke in 20 Bänden. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1970.
- KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. 5 ed. Av. de Berna, Lisboa: Editora Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- MENESES, P. *Entfremdung e Entäusserung*. Revista síntese, Belo horizonte, MG, fev. 2000. Filosofia do aprender, artigos, 307-319.
- MORTARI, C. *Introdução à lógica*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- REALE, G; ANTISERI, D. *História da filosofia – Volume V: Do Romantismo ao Empiriocriticismo*. São Paulo: Editora Paulus, 2005.